



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao local das futuras obras da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

Sorocaba - SP, 13 de abril de 2006

Deixa eu pedir somente uma coisa para vocês: é extremamente desagradável para um presidente da República, quando ele visita o local de uma obra que deveria ser motivo de festa para aquela cidade ou para aquela comunidade, e a gente permite que as disputas políticas locais, regionais ou nacionais tomem conta do evento, quando a gente deveria estar aplaudindo o significado desse campus, aqui, na cidade de Sorocaba.

Eu tenho que agradecer o que está acontecendo aqui, porque se não houvesse a parceria da Prefeitura com o governo federal, a gente não teria o terreno para fazer o campus. Se não fosse o trabalho de uma lara, a gente possivelmente também não tivesse esse campus, se não fosse a disposição nossa... vejam, uma coisa é a briga que tem no Congresso Nacional, outra coisa vai ser a disputa aqui na cidade, daqui a três anos, outra coisa vai ser a disputa para presidente da República quando chegar o mês de outubro. Tudo isso nós sabemos.

Agora, se eu fosse pensar assim, eu não estaria trazendo o campus para cá, porque o Prefeito não é de um partido aliado ao meu, é de oposição. E um presidente da República não pode pensar de forma pequena, porque eu não posso pensar no prefeito, eu não posso pensar no vice-prefeito, eu não posso pensar no vereador, eu tenho que pensar no povo da cidade de Sorocaba e da região, porque senão o que vai acontecer é que eu vou parar de visitar as cidades, porque, para mim, é muito deselegante... eu sei da divergência política, eu conheço os partidos aqui nesta cidade há 30 anos, eu aqui já fiz greve, piquete, desde 1980.



Então, tem hora da gente disputar eleição, tem hora da gente fazer enfrentamento eleitoral, mas tem hora da gente comemorar, porque vejam, eu sou corintiano, mas jamais um corintiano se recusaria a colocar na cabeça um chapéu do São Bento de Sorocaba, porque eu sei o significado que esse time tem para a cidade. Mas da mesma forma que eu estou dizendo isso, eu queria dizer para vocês que nós temos que analisar o que significa o que está acontecendo na educação neste país.

Eu dizia, há muito tempo atrás, viu Bolinha, eu dizia que era preciso chegar à Presidência da República um presidente que não tivesse curso universitário, e quero dizer para vocês que não tenho orgulho disso não, eu gostaria de ter tido a oportunidade de ter um curso universitário, mas para compreender o mundo daqueles que não têm acesso à universidade, porque muitas vezes pessoas que já têm o curso e que chegam à Presidência da República ou a ministro, têm facilidade de esquecer que milhões e milhões não tiveram a mesma oportunidade que eles e, portanto, a universidade não tem o mesmo interesse que tem para uma pessoa que sabe o significado de não ter um curso universitário.

O que nós estamos fazendo no Brasil é preparar este país para se transformar numa grande potência no século XXI. O Brasil já foi e ainda continua sendo um grande exportador de café, o Brasil já foi e é um grande exportador de minério de ferro, o maior exportador de carne de frango, o maior exportador de suco de laranja, mas o Brasil será potência mundial no dia em que a gente estiver exportando conhecimento, inteligência, quando estivermos exportando essas coisas que significam valor agregado para um país. Não tem nada mais sagrado do que a elevação do conhecimento de um povo para que ele possa se preparar para ser competitivo, para disputar mercado, para disputar produtos, para disputar pesquisa, para disputar, enfim, o direito do Brasil, no século XXI, ocupar o lugar que não ocupou nem no século XIX e nem no século XX.



É por isso que eu vou dizer para vocês uma coisa: este menino chamado Fernando Haddad, que falou aqui para vocês, que tem um ano e pouco no Ministério da Educação... com a aprovação do ProUni, vocês sabem, o sistema federal e estadual, no estado de São Paulo, em todos esses anos, a USP, a Unicamp, a São Carlos e a Federal de São Paulo, todas juntas têm 91 mil alunos. Só o ProUni, em 14 meses, deu oportunidade no estado de São Paulo de colocarmos 63 mil novos jovens na universidade.

Jovens da periferia que estudaram em escola pública e que, portanto, não tinham condições de fazer um vestibular e passar numa Federal ou numa USP ou numa Unicamp. Esses jovens estavam marginalizados porque faziam vestibular, passavam, e quando chegava no mês de fevereiro que iam se matricular tinham que pagar uma primeira mensalidade antes de começar a estudar. Esses jovens voltavam para casa desesperançados, sabendo que nunca mais teriam a chance de entrar numa universidade. Nós já colocamos, no Brasil, 204 mil novos jovens na universidade; em São Paulo, 64 mil, e até junho vamos colocar mais 46 mil em todo o território nacional. O que é importante é que desses jovens, todos de escola pública, 40% são afrodescendentes, são negros e negras que estavam marginalizados neste país e que estão tendo a oportunidade de entrar numa universidade. São mais de 1.200 indígenas que estão cursando uma universidade hoje. Nós estamos fazendo isso porque acreditamos que não existe possibilidade de o Brasil ocupar o seu espaço, enquanto nação desenvolvida, se a gente não acreditar na formação dos nossos jovens.

Eu sei o que vale para um pai e para uma mãe o seu filho estudar. Eu tenho certeza de que os meninos que estão aqui, eu tenho certeza de que as mulheres que estão aqui, os pais que estão aqui nunca pensaram em deixar riqueza material para os seus filhos, mas todos sonham em deixar como herança para o seu filho uma boa formação escolar.



Quando a gente coloca um filho numa escola, a gente fala: “eles estão encaminhados, graças a Deus.” Quando eles se formam, eles jamais voltarão a ser os mesmos porque terão um mercado de trabalho mais ampliado, terão possibilidade de melhores salários e, portanto, essas pessoas ganharão uma coisa que tem muito significado, que é a sua cidadania enquanto ser humano, e a sua independência profissional, sobretudo para as mulheres. Uma mulher com uma formação profissional, uma mulher que tem uma profissão, um curso universitário, essa mulher não fica aceitando desaforo do seu marido, essa mulher tem independência. E o marido, ao saber que a mulher não está dependendo financeiramente dele, também não vai ser ignorante de ficar brigando com a mulher por qualquer coisa. Ele vai ver que o casamento não é a subordinação de um ou outro, a harmonia do casamento é a perfeição do relacionamento humano que dois seres humanos possam fazer. E quanto mais independência um tiver do outro, mais eles vão viver em condições de dignidade, em condições de decência.

A gente sabe que, no Brasil, muitas mulheres apanham do marido e a maioria que apanha... é só ir nas delegacias para ver a violência contra a mulher. São mulheres que, muitas vezes, não têm independência, não trabalham fora de casa e ficam esperando o salário do marido. E o marido então, ao invés de ser parceiro, pensa que é dono da mulher e começa a querer mandar na mulher.

Portanto, a formação profissional é a independência para o homem e a independência da mulher. E vai acontecer mais. Vocês ouviram, aqui, dizer o nosso ministro: é a Universidade Federal do ABC, que quando estiver pronta vai atender 25 mil novos alunos; é o curso de Medicina, em Diadema; é o curso de Medicina, em Santos; são oito cursos na cidade de Guarulhos, é esse campus aqui e outros que nós vamos criar, porque eu quero provar que este país poderia estar mais evoluído se os governantes que vieram antes de mim tivessem pensado na formação profissional do povo brasileiro.



É importante lembrar que, em 1998, foi aprovada uma lei tirando das costas do governo federal a responsabilidade pelo ensino técnico. A lei era a garantia de que o ensino técnico só poderia ser possível em convênios com ONGs, ou se uma prefeitura pudesse custear ou se o estado pudesse custear. O que aconteceu, de fato, é que as ONGs não podiam, a maioria das prefeituras não podiam e o estado não pode.

Hoje, nós estamos saindo daqui e indo à cidade de Salto, estamos assumindo a responsabilidade de trazer para o governo federal, outra vez, a formação profissional dos nossos jovens, com as escolas técnicas subordinadas ao governo federal. Até junho devemos inaugurar 25 e, aqui, em São Paulo, 18 Cefets que as ONGs não podem administrar. Nós, hoje, vamos fazer parceria com os prefeitos, federalizá-las, porque o governo federal só tem obrigação pelo ensino médio e pela universidade, diretamente. E nós não vamos abrir mão de ser responsáveis pela formação profissional, porque eu sei a diferença entre um ser humano sair para procurar emprego sem profissão, e um ser humano com profissão. O coitado que não tem profissão não é nem recebido pelo chefe do departamento pessoal de uma empresa, ele não é nem recebido pelo guarda da empresa. Mas aquele que tem profissão, pelo menos, deixa uma ficha e a empresa fica sabendo que no dia em que precisar de alguém qualificado, ela tem o número da casa, endereço e nome para ir buscar. É por isso que nós não abrimos mão da formação profissional da nossa juventude.

E por fim, companheiros, eu quero dizer para vocês que eu estava vendo aqui os catadores de papel. Cada um de nós vai perceber o que nós fazemos. Nunca os catadores de papel tinham tido a chance de entrar no Palácio do Planalto. Desde que tomei posse, todo dia 23 de dezembro eu vou a um encontro com os catadores de papel, embaixo de um viaduto lá em São Paulo, e eu vou por uma simples razão: primeiro porque ser catador de papel não é ser menor do que engenheiro ou do que reitor. Ser catador de papel é



uma profissão tão grande e demonstra que os humildes estão catando, muitas vezes, a sujeira que outros jogam pelas cidades espalhadas por este país.

Esses companheiros se organizaram em cooperativas, têm várias parcerias com o governo federal e, hoje, mulheres e homens têm orgulho, não têm mais vergonha, têm orgulho de dizer a profissão: “eu sou de uma cooperativa, catador de papel e sustento minha família com o dinheiro que eu ganho honestamente aqui”.

No Brasil, meu caro Bolinha, pescador nunca tinha sido respeitado. Nós, em três anos, cadastramos todos os pescadores brasileiros, aprovamos a Lei do Defeso e quando os pescadores não puderem pescar, porque está na época de desova, nós pagamos o salário-desemprego para acabar com essa mania... Quando a gente está de férias na praia a gente quer comer peixe fresco, vai lá naquele rapaz que vem com a canoinha e pega um peixe. A gente só pergunta o preço. Duas perguntas que a gente faz: que peixe é? É fresco? Quanto custa? A gente nunca pergunta: como você vive? O que você ganha? A gente nunca pergunta porque para nós a estada na praia é passageira, mas a dele é permanente, então nós queremos que essas pessoas se transformem em cidadãos.

Neste país era praticamente proibido criar cooperativa. Nós escancaramos a criação de cooperativa neste país. Cooperativa de crédito, cooperativa de produção e eu lamento não poder visitar as cooperativas porque o meu horário está apertado, mas é uma coisa que eu pretendo ajudar a crescer neste país porque quanto mais cooperativa a gente tiver, menos a gente vai depender do sistema financeiro e mais barato vão ser os juros que a gente vai tomar emprestado.

Meu querido Reitor, eu muitas vezes... eu quero agradecer aqui ao prefeito Newton, nosso prefeito de São Carlos, ex-reitor da Universidade Federal de São Carlos. Eu quero agradecer porque foi esse companheiro que me convenceu a colocar no Programa de Governo o Fundeb, que vai ser uma



revolução na educação fundamental neste país, no ensino básico, e vai ser muito mais forte para o ensino dos estados mais pobres. Mas quero agradecer, sobretudo, a disposição do meu Ministro da Educação e da sua equipe, aos deputados e ao senador Aloízio Mercadante, porque tudo que vai para educação, lá para o Congresso Nacional, eles aprovam. Às vezes demoram demais, às vezes eu fico pensando que poderia ter votado ontem e vão votar depois de amanhã, mas votam. E é isso que o Brasil precisa, de pessoas que deixem de ser mesquinhas, que deixem de ser pequenas, que deixem de trabalhar para que não aconteçam as coisas, que pensem no Brasil.

Vocês sabem de uma coisa extraordinária que acontece na vida de um dirigente de um país, vocês sabem que para nós o importante é ver as coisas acontecerem no país, e eu estou convencido de que o que deixa a minha oposição muito nervosa é o crescimento da economia. Bolinha, o mês de fevereiro é o mês mais fraco na geração de empregos neste país. Pois bem, em fevereiro deste ano foram criadas 176 mil novas vagas com carteira assinada. Em março será muito mais.

Então, eu acho que, se fica muita gente incomodada porque a economia está crescendo, os empregos estão aparecendo, as vagas nas universidades estão aparecendo, as crianças estão comendo melhor, as mulheres indo no supermercado e comprando arroz por menos da metade do que compravam no começo, o trabalhador comprando o saco de cimento pela metade do que comprava em 2003, então, as pessoas estão percebendo que as coisas estão melhorando. Ainda falta muito, porque eu nunca tive a ilusão de que a gente pudesse consertar os erros de 500 anos em apenas quatro anos. Eu nunca acreditei nisso. Mas acredito que em quatro anos nós vamos fazer mais do que eles fizeram em 50.

Muito obrigado, boa sorte ao povo de Sorocaba e da região.